

## **A GAROTA DINAMARQUESA: UMA ABREVIADA APREENSÃO PSICANALÍTICA**

### **THE DANISH GIRL: AN ABBREVIATED PSYCHOANALYTICAL APPREHENSION**

Igor Martins Duca Faria<sup>1</sup>  
Karla Cristina Rocha Ribeiro<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

O presente artigo objetiva-se a contemplar a temática do indivíduo transgênero, sua constituição e especificidades de funcionamento, embasando-se na possibilidade de uma compreensão psicanalítica, em método de revisão bibliográfica. Utilizam-se conceitos teóricos de Freud e Klein, em maior proporção, sendo estes: fantasia inconsciente, repressão, identificação e, inclusive, objetos internos e externos, projeção, introjeção, inveja e o relacionamento primitivo do infante com a mãe. Focaliza-se aqui, portanto, uma obra de produção cultural intitulada *A garota dinamarquesa*; – filme lançado em 2016 e dirigido por Tom Hooper. Tal história observou-se instigadora para apreender aspectos que concernem à realidade de um indivíduo que, amiúde, não se identifica com o seu gênero de origem biológica e sociocultural e, portanto, percebe-se envolto por conflitos, angústias e dores específicas.

Palavras-chave: Psicanálise. Transgênero. Gênero.

#### **ABSTRACT**

This article has as a goal to contemplate the transgender's theme, it's constitution and specificities, focusing on a possibility to have a psychoanalysis understanding about it, using the literature review method. It was used some of the theoretical concepts of Freud and Klein, as unconscious fantasy, repression, identification, internal and external objects, projection, introjection, envy and the inicial relationship between baby and mother. It was focused here the cultural production named as *The danish girl*, which movie was released in 2016 and was directed by Tom Hooper. The history was seen as an instigator one, for considering aspects that refers to the reality of a transgender, and for revealing a person's sorrow and struggle for identifying yourself with other gender than yours.

Keywords: Psychoanalysis. Transgender. Gender.

---

<sup>1</sup> Aluno do 4º ano do curso de Psicologia pela Universidade de Marília (UNIMAR). *E-mail*: igorducam@gmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora do trabalho. Mestre em Psicologia – Constituição do Sujeito e Historicidade pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). *E-mail*: karlafenix@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

Pretende-se, aqui, promover uma frutífera articulação entre a Psicanálise e o filme *A garota dinamarquesa* (2016), percebendo este último enquanto uma valiosa obra de derivação cultural, sobre a qual se lançarão tentativas de interpretação.

Como muito frequentemente, nas artes encontram-se aspectos importantes que não somente reproduzem fragmentos a partir das vivências cotidianas, mas, de fato, também estimulam a reflexão acerca de assuntos relevantes do mundo real, isto é, da não ficção.

Inserir-se aí, portanto, a ciência, nesse caso, a ciência psicanalítica. Levando-se em consideração o desenvolvimento primitivo, a infância, as sucessivas identificações, projeções e introjeções (as defesas no sentido geral e mais amplo), bem como o conceito de fantasia inconsciente, busca-se realizar uma leitura fidedigna, uma proposta de interpretação a respeito da realidade, da constituição e subjetividade do transgênero, a fim de se conhecer as origens e realizar apreensão mais satisfatória a respeito desta temática tão abrangente e proeminente na contemporaneidade.

### 1 A GAROTA DINAMARQUESA E O SER TRANSGÊNERO EM ENFOQUE PSICANALÍTICO

Einar, o personagem que protagoniza a história, vê-se limitado, preso. Sente-se – a partir de determinado momento de irrupção – e compreende-se enquanto mulher, condição em que dá evasão a toda a sua feminilidade. No entanto, reprime suas impressões, pulsões, bem como seus conteúdos e ideais.

Os anseios do indivíduo e as práticas da cultura simbolizam um embate metapsicológico bastante conhecido na literatura psicanalítica: o conflito que emerge, internamente, entre as instâncias do id e do superego com mediação direta do ego.

Freud (1995, p. 240-241) descreve a gênese da submersão ao ato fantasioso, conforme os arranjos dos princípios do funcionamento psíquico por ele postulados: “Com a introdução do princípio da realidade, uma das espécies de atividade de pensamento foi separada; ela foi liberada no teste de realidade e permaneceu subordinada somente ao princípio de prazer. Esta atividade é o fantasiar”.

Se a fantasia inconsciente percebe-se uma das bases consistentes da neurose, seria correto pensar em Einar enquanto um indivíduo neurótico? O próprio caráter inconsciente de sua fantasia inferiria, exclusivamente, acerca de sua configuração de personalidade?

Ainda que não se tenha acesso a registros muito específicos acerca da vida do indivíduo cuja história inspirou a produção cultural aqui focalizada, constitui-se interesse científico válido postular hipóteses para efetuar-se uma tentativa de apreensão dos mecanismos específicos que permeiam a temática relativa ao transgênero.

Convém refletir sobre uma configuração de personalidade neurótica em associação com a repressão e com o caráter inconsciente de sua fuga fantasiosa. No início de sua vida, Einar poderia sim manter uma fantasia de feminilidade a respeito de si, em seu inconsciente. No entanto, distanciando-se relativamente da conceituação freudiana, quando há a tomada de consciência de seus desejos e anseios femininos, Einar parece reconfigurar-se, literalmente. A fantasia em hipótese é mantida em forma de devaneios, sendo agora aceita em toda a sua natureza e com todos os seus constituintes que, outrora, preservavam-se recalcados no

inconsciente. A tomada de consciência e a aceitação com mediação egóica conduzem a um estado de gozo e prazer. Tal gozo refere-se à congruência alcançada, na fantasia agora consciente, entre o querer e o ser.

Einar tem o seu corpo biológico determinado pelos cromossomos XY e, tão logo, pode ser considerado homem. No entanto, apesar dos aspectos genéticos e anatômicos – e das objetivações sofridas a partir da cultura – a percepção interna e subjetiva, manifesta através do que é apresentado na obra cultural, faz-se revelar que o indivíduo sente-se enquanto ser feminino, enquanto mulher.

Não seria, portanto, um modo bastante singular de fantasiar, sucumbir aos devaneios? O indivíduo neurótico necessariamente mantém o caráter inconsciente de sua fantasia, esta característica, no entanto, não se apresenta neste herói.

Em seus devaneios, Einar percebe a sua genitália (que o determina de maneira biológica e cultural) e toma consciência dela. No entanto, a rejeita – em negação – como forma de se distanciar de seu gênero de origem e de romper com este, utilizando-se de vestimentas e nutrindo-se com desejos conscientes que envolvem objetos facultados à mulher.

Sobre a negação e o fantasiar, Anna Freud (2005, p. 58) exemplifica:

[...] um menino de 7 anos a quem analisei costumava divertir-se com a seguinte fantasia: possuía um leão domesticado que aterrorizava todo mundo e só gostava dele. Respondia quando o chamava e seguia-o como um cachorrinho, para onde quer que fosse. Cuidava do leão, alimentava-o e cuidava de seu conforto em geral, fazendo-lhe a cama, todas as noites, em seu próprio quarto.

Descobriu-se, através da análise, que o medo do objeto paterno estimulado em contexto edipiano, nesta ocasião, fora convertido em afeto (por formação reativa e projeção); e deslocado para um objeto externo percebido enquanto inofensivo. Constituiu-se, dessa forma, uma fantasia inconsciente prazerosa a qual o indivíduo apegou-se.

Quando Gerda, esposa de Einar, o convida para que este se vista de mulher, com o intuito de auxiliá-la em uma de suas pinturas na ausência de sua modelo, o herói recusa-se impiamente. Tal conduta recusante, de início, poderia estar relacionada aos conteúdos reprimidos e inconscientes, que se mantinham afastados da autoimagem egóica consciente – e até então “bem aceita” – de Einar.

Iniciando-se pela repressão, Freud (1995, p. 75) delimita:

“Podem sofrer repressão que os derivados psíquicos dos instintos retardados originais, quando estes se reforçam e entram assim em conflito com o ego (ou instintos egossintônicos), quer tendências psíquicas que, por outras razões, despertaram uma forte aversão”.

No entanto, com as exaustivas lamentações e os pedidos incessantes de sua esposa, decide-se por ceder. Ao posar – e ao entrar em contato com as peças e adornos culturalmente associados ao feminino – Einar descobre-se. Ou, pelo menos, gradualmente o grupo psíquico isolado vence as resistências e penetra a consciência; fazendo-o tomar nota do movimento ocorrido, pouco a pouco. Os conteúdos, outrora reprimidos, regressam à consciência pelo contato com o mundo externo e as adjacências de seus atos internalizados. Incorpora novamente, em integralidade e consciência, a sua feminilidade – a atitude feminina e as pulsões associadas a ela – com as quais tanto lutava.

O desejo e a repetição da fantasia do menino neurótico, exemplificado por Anna Freud (2005), que, utilizando-se do mecanismo da negação, recusava-se a vetar os créditos da existência do “real”, continuando a manter relação de objeto com o leão e suas características onipotentes e fantasiosas; têm uma configuração relativamente semelhante em Einar.

Ao incorporar Lili – quando vestido com adornos e roupas relacionadas a mulheres –, Einar observa-se submerso em um funcionamento prazeroso, que caracteriza propriamente o princípio do prazer. O herói quer continuar a vestir-se desse modo, a sentir-se mulher de maneira incessante. Nega-se a parar. Tal como o menino neurótico analisado por Anna Freud (2005), nega-se a extirpar os seus contatos com o leão onipotente. Este último poderia ser considerado neurótico, todavia atribuíra ao leão capacidades exímias e contrastantes com a realidade, não se tratando de devaneios e sim de uma fantasia inconsciente, onde a fuga não mantém relação concreta com o consciente.

Einar percebe e toma consciência de seus órgãos, de suas constituições e de sua condição enquanto ser humano, mas os renega em seus devaneios e fantasias conscientes, sendo assim, de fato, árduo classificá-lo enquanto indivíduo neurótico em razão de tais ressalvas. Aqui a negação é inconsciente, e não os devaneios.

O conteúdo que anteriormente encontrava-se reprimido e soterrado na topografia inconsciente, agora percebe-se livre no consciente de Einar, em hipótese. E, ainda que traga dor e desajustamento, tal conteúdo une-se à fantasia consciente para a produção de bem-estar e boa-venturança momentânea ao sujeito.

Para Freud (1995, p. 75), a repressão é falha quando “[...] da irrupção, do retorno do reprimido. Esta irrupção toma seu impulso do ponto de fixação, e implica uma regressão do desenvolvimento libidinal a esse ponto”. O ato de vestir-se, a pedido da esposa, obrigou Einar a regredir e a afrouxar as resistências, impondo fim à repressão de sua feminilidade e ao desejo de transformar-se em mulher; tal como sentia-se internamente.

O conflito entre id (querer dar evasão à condição feminina, à autoimagem outrora discrepante, agora aceita e com a qual ocorre e decorre a identificação) e superego (a genitália, o falo existente enquanto objeto culturalmente importante para expressão masculina) é, em hipótese, um fator proeminente e responsável que dá evasão à condutas posteriores. Para fugir do conflito, o indivíduo sai, desesperadamente, à procura de cirurgia para realizar a mudança de sexo.

Segundo Freud (1920, p. 46):

A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva [...]. Ela desempenha um determinado papel na pré-história do complexo de Édipo. O garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: ele toma o pai como seu ideal. Essa conduta nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina diante do pai (ou dos homens em geral).

Tomando-se a história de Einar, no referente ao complexo de Édipo, este pode, em hipótese, apresentar significativas e relevantes alterações se comparado ao padrão preconizado e “esperado” da maioria dos casos.

Reafirmando-se da impossibilidade de apreensão acerca de aspectos mais amplos acerca da história de vida do sujeito, em termos de relatos sobre as vivências primitivas deste, pode-se deduzir, no entanto, que Einar em sua tenra infância adotara a mãe e seu corpo enquanto objetos de identificação proeminente. E, durante a fase fálica, adotara o pai (ou figura masculina substitutiva deste) e a própria mãe, como escolha

de objetos a serem amados e adorados, enfatizando assim uma compreensão de orientação bissexual, visto que a identificação com o feminino não o influencia restritivamente em sua escolha objetal posterior adulta, provada pela relação sexualizada que Einar mantém com a esposa Gerda. Assume que, portanto, a escolha objetal e a identificação de gênero não necessariamente são congruentes e preestabelecidas entre si, podendo haver disjunção em alguns casos.

Entretanto, percebe-se também, nestes aspectos, a atitude passiva e feminina desviante da maioria, quando o objeto paterno é focalizado no complexo de Édipo. Presume-se que Einar vê na mãe, em algum momento de proeminência da adoração paterna, alguém que lhe quitaria o objeto amado. Então, através dos mecanismos de introjeção e identificação, tal indivíduo associaria-se ao feminino de maneira integral e viu neste, a possibilidade de “ser” para “ter” o objeto edipiano desejado, criando pontos de fixação.

Em termos gerais, a feminilidade é adotada e venerada. Primeiro, porque através dela poderiam ser colhidos frutos. Vencendo a mãe, sendo igual ela, seria possível obter o objeto paterno. Em estágios posteriores, a feminilidade é entendida enquanto um aspecto inerente ao próprio ego, e não mais vê-se como um meio de acesso exclusivamente associado ao objeto amado. A autoimagem feminina do ego ergue-se em consonância com a consciência do conteúdo outrora recalcado.

No que se refere à Einar, observa-se que este também fizera uso massivo de mecanismos de defesa contra as pulsões do id e suas percepções internas e externas introjetadas. Dentre as várias possibilidades de defesa, puderam ser identificadas: repressão, negação, identificação, divisão, regressão, projeção e introjeção.

Hanna Segal (1975, p. 31), infere que “A estrutura da personalidade é amplamente determinada pelas mais permanentes das fantasias que o ego tem sobre si mesmo e sobre os objetos que contém”.

Seria desejável pensar e, sobretudo, investigar hipóteses acerca das relações de objeto primitivas deste sujeito. Presume-se que a identificação com a mãe ocorrera já nos primórdios de sua existência, e em consonância com as primitivas vivências de Einar.

Descrevendo as ideias de Klein, Segal (1975, p. 19) infere que:

A relação primitiva com o seio da mãe e as fantasias sobre seu corpo, segundo Melanie Klein, desempenham significativo papel no desenvolvimento do complexo de Édipo [...]. O afastamento primitivo do seio para o pênis ocorre como na menina, estabelecendo os fundamentos para a posição feminina do menino; e logo o menino, como a menina, sustenta uma luta entre essa posição feminina, na qual ele se afasta da mãe para o pênis paterno bom, e sua posição masculina, na qual ele quer identificar-se com o pai e deseja sua mãe.

A criança mantém relações de objetos parciais e, portanto, Klein (1975) delimitou que seria esta a característica mais evidente da situação na posição esquizo-paranóide.

A relação da criança com os objetos parciais externos – seio, pênis – é ambivalente. Logo, utilizando-se do mecanismo da divisão, a criança tenta por si separar; cindir os sentimentos bons dos maus, bem como os objetos. Posteriormente, esses sentimentos maus (derivados inclusive do meio interno e de sua agressividade destrutiva) são projetados em objetos externos e, por último, esses objetos externos são introjetados enquanto sendo objetos internos maus e terríficos – que punem. Os objetos externos “seio e pênis” são introjetados enquanto maus; mas também enquanto bons. Importa, no entanto, o que decorrerá a partir de tais introjeções. Se o objeto interno “pênis” é percebido como muito mau ou extremamente punitivo, a criança tentará fugir

dele, mantendo um contato libidinoso com o pai real (objeto real externo). Ou, ainda, se o objeto introjetado “pênis bom” obtiver força para sobressair-se, então o indivíduo poderá tentar voltar sempre a ele, a fim de obter gratificação no contato com este objeto interno amoroso (SEGAL apud KLEIN, 1975).

Em hipótese, foram estes movimentos e funcionamentos que ocorreram com Einar, desde sua tenra infância, a partir da apreensão de seus conflitos. Esses modelos podem revelar as bases de sua posição feminina.

Segundo Melanie Klein (1975, p. 214):

Meu trabalho ensinou-me que o primeiro objeto a ser invejado é o seio nutridor, pois o bebê sente que o seio possui tudo o que ele deseja e que tem um fluxo ilimitado de leite e amor que guarda para sua própria gratificação. Esse sentimento soma-se a seu ressentimento e ódio, e o resultado é uma relação perturbada com a mãe.

Esta relação ambígua e ambivalente, que presume sentimentos hostis e amorosos em relação ao objeto materno, pode ser vista também como uma das chaves para compreensão da posição feminina do menino e, posteriormente, tais conexões podem ser transpostas em reflexo à realidade subjetiva do transgênero.

Todas as crianças vivem esta ambivalência, inclusive os indivíduos que se identificam com o gênero biológico e sociocultural de origem (os cisgêneros). No entanto, a intensidade dessas relações em particular, somada à série de fatores específicos supracitados que tentou-se abranger, facilitam o processo de identificação com o progenitor feminino em transgêneros de designação natal masculina.

Adota-se a concepção de que Einar – assim como todo ser humano – viveu essa ambiguidade específica, e a identificação, o amor, o relacionamento com o objeto interno “pênis bom”; a inveja dos conteúdos do corpo da figura materna real ou feminina substitutiva – que contém o “pênis bom” incorporado, inclusive –, possivelmente puderam haver contribuído para o estabelecimento de sua autoimagem egóica e sua evasão feminina.

Segal (1975, p. 19) acrescenta, acerca das contribuições de Melanie Klein para a psicanálise:

Suas descobertas sobre as relações de objeto primitivas decerto lançaram nova luz sobre a sexualidade, tanto masculina como feminina, revelando em ambos os sexos uma tomada de conhecimento primitiva da vagina e a importância das fantasias em relação ao corpo da mãe e seus conteúdos. [...] a posição feminina do menino adquiriu muito maior importância.

Assim, o órgão sexual feminino assume importante papel no desenvolvimento psíquico. As relações de objeto com a mãe – e com o pai, inclusive – são importantes para o estabelecimento da identidade de gênero da criança.

De acordo com Berenice Bento (2006, p. 20), “Em silêncio, as cicatrizes que marcam os corpos transexuais falam, gritam [...] O corpo é o delimitador das fronteiras entre os gêneros? O natural é o real?”.

Einar, na busca pela congruência, incongruentemente morre. A busca pela satisfação incessante e pela congruência, e os devaneios, acabaram por fim o desintegrando. É válido questionar-se e questionar a cultura. Somente torna-se possível a reflexão, a partir da apreensão do funcionamento e das especificidades de constituição do indivíduo transgênero que, de fato, tentou-se empreender aqui.

## CONCLUSÃO

Apreende-se, portanto, que as temáticas permeadas pelas questões de constituição e subjetividade do transgênero são, de fato, complexas e intrínsecas.

Em congruência com a Psicanálise, deve-se voltar a atenção para as relações instituídas nos primórdios da vida do indivíduo, bem como para a multideterminada equação de seu dinamismo psíquico.

Vale ressaltar que a identidade de gênero e as fantasias não estão necessariamente relacionadas ou subordinadas à escolha objetual. No próprio filme, embora Einar experimente relacionar-se com homens, ele mantém relações sexuais com a esposa Gerda e não sofre por isso. O sofrimento psíquico nessas condições, portanto, relaciona-se primordialmente com a identidade de gênero e não com o objeto alvo elegido pela pulsão sexual.

Promovendo a construção de pontes entre a teoria psicanalítica e a história cujo contexto fora aqui apresentado, torna-se possível inferir acerca dos movimentos e das bases concernentes ao indivíduo transgênero.

O presente estudo, portanto, objetiva-se a estimular o debate acadêmico relacionado à subjetividade do transgênero e, inclusive, busca abranger alguns aspectos da própria subjetividade e diversidade inerentemente humanas.

## REFERÊNCIAS

A GAROTA dinamarquesa. Tim Bevan, Eric Fellner, Anne Harrison, Tom Hooper, Gail Mutrux e Linda Reisman. [s.l]: Working Title Films, Pretty Pictures, Revision Pictures, Senator Global Productions, 2015. 119 min. Color.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. 12.

\_\_\_\_\_. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: Cia. das Letras, 1920.

KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.